

A FRUTÍFERA RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Suely CORVACHO
Instituto Federal de São Paulo
sucorvacho@uol.com.br

Resumo: A escolha de textos literários no Ensino Fundamental permite a reflexão da língua enquanto construção e, simultaneamente, propicia o desfrute do poder humanizador desta construção. Conforme Antonio Candido, em “O direito à Literatura”, o poeta ou narrador oferece um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada, cuja análise contribui para organizar a mente e os sentimentos. Nessa perspectiva, a comunicação propõe a leitura da construção linguística, estética e ideológica de “Os ‘ossos’ do arroz”, conto que explica a adoção do cereal na dieta alimentar do povo chinês. A história da pequena Miniya é um bom exemplo da forma pela qual é possível introduzir o aluno do Ensino Fundamental na reflexão sobre a função social da lenda, permitir que identifique os elementos linguísticos que indicam a origem do conto; o uso do diminutivo para construção de uma personagem frágil; as figuras de linguagem, notadamente provenientes do contexto oriental; além de problematizar os valores universais, especialmente os de verdade e mentira. Certamente, a análise linguística produzirá desdobramentos, induzindo reflexões sobre o contexto brasileiro, as construções linguísticas que nos caracterizam, as construções ideológicas que nos envolvem.

Palavras-chave: Língua e Literatura, Ensino Fundamental, Prática Pedagógica.

Introdução

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (de 5^a a 8^a séries), o domínio da língua materna é elemento determinante para o pleno exercício da cidadania. Isso é verdade, uma vez que, por seu intermédio, o homem incorpora valores, constrói sua visão de mundo, tem acesso à informação, produz conhecimento, posiciona-se frente a outros homens, defende seus pontos de vista; enfim, participa ativamente da sociedade.

Por outro lado, convém esclarecer que o domínio da língua materna não é tarefa que cabe a uma disciplina, como frequentemente se acredita, mas é dever de todos os agentes do sistema educacional; contudo, é necessário reconhecer que, nesse cadinho, o ensino da Língua Portuguesa ocupa espaço central. Por este motivo, as estratégias pedagógicas, a escolha de textos, a adequação de obras à idade, tudo deve estar examinado e direcionado para a gradativa formação do aluno.

Nas aulas de aulas de Português, os alunos do Ensino Fundamental são convidados a examinar a construção linguística de vários textos: jornalísticos, científicos, técnicos, literários, entre outros. Sem dúvida, todos permitem o aprendizado do funcionamento da língua materna, ampliam o repertório, e cada um à sua maneira contribui para o desenvolvimento intelectual do aluno. Entretanto, enquanto uns se centram na função referencial da linguagem, o que fornece informações sobre o contexto em que os alunos vivem, outros exploram a função poética, que lhes permite organizar simultaneamente mente e emoções.

Nessa comunicação defendemos a centralidade dos textos literários para reflexão do funcionamento da língua e para organização de emoções, ou, como defende Antonio Candido, para a humanização da sociedade. Porém é necessário reconhecer que essa centralidade não se inicia na escola. Assim como, em *A importância do ato de ler*,

Paulo Freire defende que o ato de ler se inicia muito antes do domínio das primeiras letras, pois a leitura está diretamente ligada à experiência existencial do sujeito, também o interesse pela literatura começa muito antes do ingresso na escola.

Em *A necessidade da arte*, Ernest Fischer, analisando o fenômeno surpreendente de milhões de pessoas lerem livros, ouvirem música, irem ao teatro e ao cinema, explica que isso está diretamente ligado ao desejo de completar a nossa vida incompleta, ou seja, o homem quer ser mais do que apenas ele mesmo, ele ambiciona uma “plenitude” que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações. Não é raro, portanto, surpreender crianças que ainda não entraram na escola, mas que, diante de um filme, de uma peça ou de um conto bem interpretado, fixam seu olhar e acompanham fascinados passo a passo o transcorrer da história.

Examinando especificamente o contexto histórico, Antonio Candido acrescenta: “em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza” (2004, p. 169); no entanto estamos cada vez mais distantes de construirmos um mundo em que todos se realizem como seres humanos plenos. Essa época “profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização” (2004, p. 170). Ainda na definição de Candido, é necessário que as próximas gerações descubram na Literatura as possibilidades de resistirem à “coisificação”, de compreenderem outras formas de organizar o mundo e de se relacionar com as outras pessoas.

Portanto, se a necessidade da arte faz parte do ser humano, se a época exige uma intervenção urgente, a questão que se coloca é o que a disciplina de Língua Portuguesa deve explorar no campo literário no Ensino Básico? Nesta direção, defendemos que nas primeiras séries caberia à escola estabelecer a ponte entre a literatura já conhecida e a escrita, e nas séries posteriores explorar o acervo cultural, isto é, textos literários clássicos - nacionais ou estrangeiros - adequados à faixa etária trabalhada, para que, ao término do Ensino Fundamental, o aluno tenha repertório para ler os textos literários contemporâneos, cuja marca é a releitura de outras obras.

1. O trabalho com o texto literário no Ensino Fundamental

Antes de apresentar uma proposta específica de abordagem do texto literário, é necessário examinar como a Literatura tem sido explorada no Ensino Fundamental. Uma rápida pesquisa permite-nos perceber que ela anima duas atividades no ensino de Língua Portuguesa: leitura extraclasse, geralmente com adaptações de clássicos, e a leitura em sala de aula, onde fragmentos de textos literários, presentes nos manuais didáticos, são usados para explorar análises linguísticas.

1.1. A leitura dos clássicos na escola

As obras literárias clássicas raramente chegam à sala de aula sem adaptações. Conforme Ana Maria Yasuda e Maria José Teixeira, em “A circulação do paradidático no cotidiano escolar”:

“As obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal têm recebido das editoras um tratamento que as didatiza, isto é, por serem obras que não foram concebidas visando a um público específico, como o escolar, são então preparadas para atender às exigências didáticas. Recebem introduções que as contextualizam historicamente, sofrem adaptações que as reduzem ou modificam sua redação original” (2007, p. 174).

As autoras não se opõem aos paradidáticos, uma vez que a maioria é bem-feita, “divulgam sem empobrecer”, porém encontram problemas nos suplementos de atividades que os acompanham, porque geralmente propõem “uma leitura de reconhecimento que fica na superfície do texto.”

Nós tendemos a discordar da posição das autoras quanto aos paradidáticos, porque a alteração do texto tal como concebido originalmente impede que o aluno seja exposto a níveis crescentes de complexidade linguística. Geralmente, as adaptações, quando não reduzem, acabam com a abertura do texto literário, pois preenchem lacunas, dissolvem ambiguidades, não estimulam a recriação da realidade por meio da fantasia, etc. Além disso, a maioria dos paradidáticos trata os conflitos humanos de forma “higienizada e homogeneizada”, distanciando-se do que Antonio Candido define como o valor educativo da literatura: “*ela [a literatura] age com impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras*” (1972, p. 805). Por outro lado, concordamos plenamente com as críticas feitas aos suplementos que acompanham os paradidáticos e as estendemos aos manuais didáticos.

1.2. A Literatura nos manuais didáticos

O estudo “A leitura do texto didático e didatizado”, publicado em *Aprender e ensinar com textos*, fornece um bom panorama sobre a situação dos manuais didáticos atualmente. Segundo as autoras, nas primeiras séries do Ensino Fundamental, os textos ditos literários são produzidos ou adaptados pelos autores do manual com o intuito de facilitar a leitura. Para as mais avançadas são apresentados fragmentos (nem sempre os trechos mais significativos da obra do autor) que, muitas vezes, retirados inadequadamente do contexto original prejudicam a interação aluno-leitor-texto.

Além disso, nos livros didáticos da 5ª a 8ª séries, a organização dos capítulos e das unidades é bastante fixa, um texto é apresentado – se o texto for literário, frequentemente um fragmento -, seguido de estudo de vocabulário, questões de interpretação, estudos de gramática, e, às vezes, produção textual. Falta integração numa mesma unidade entre leitura, análise linguística e produção textual. Tudo isso prejudica a abordagem do texto literário, porque não explora a construção linguística em função da mensagem, o que impede de o aluno perceber a complexidade do trabalho. Ao lado disso, os livros são elaborados de forma a serem um material autossuficiente, pois não incitam a consulta de outros materiais (como dicionários, gramáticas, antologias, obras integrais, etc.).

Como nos suplementos dos paradidáticos, a análise textual geralmente se restringe à superfície, sendo marcada por questionários, que apresentam padrão comum a qualquer texto, ignorando as especificidades de gênero. A consequência dessa prática é clara: os alunos não se sentem estimulados a completar a leitura dos fragmentos vistos em sala de aula tampouco a procurar leituras de obras similares, ficam, pois, reféns do que a mídia oferece, preenchendo sua demanda de “plenitude” com os roteiros de telenovelas (os atuais folhetins), músicas de qualidade duvidosa, entre outros.

2. Uma proposta de trabalho com Literatura para a 5ª série do Ensino Fundamental

Inicialmente, há de se investigar o gosto de leitura dos alunos – tanto no universo literário quanto no midiático – para saber que temática mais os emocionam, pois como afirma Steiner em “Alfabetização Humanista”:

“Quando é mais que devaneio de um apetite indiferente nascido do tédio, a leitura é uma forma de atuação. (...) Um poema magnífico, um romance clássico entram à força em nosso interior; tomam de assalto e ocupam as praças fortes de nossa consciência. Exercem sobre nossa

imaginação e desejos, sobre nossas ambições e sonhos mais secretos, um domínio estranho e contundente. Quem queima livros sabe o que está fazendo”. (1988, p. 28-9)

Acreditamos que o conto “Os ‘Ossos’ do arroz” vá ao encontro do gosto desta faixa etária, porque, ao se identificar com a protagonista, o leitor é colocado diante de várias situações-limites, como a injustiça, a fome, a morte, a decisão diante de duas situações radicais (a morte dos amigos ou a revelação do segredo para o inimigo), etc. Além disso, cumpre o objetivo de ler textos completos (uma vez que os fragmentos mutilam ou distorcem a história) e de aumentar gradativamente o volume de leitura (textos de maior fôlego) e a complexidade (textos que abordem temas emocionais ou trabalhos linguísticos mais complexos). Em síntese, o conto hani parece cumprir o papel que José Paulo Paes atribui aos romances de aventura. Para o autor de *A aventura literária*, os romances de aventura, capazes de estimular o gosto pela leitura, podem servir de degrau de acesso a obras que não se esgotem no entretenimento, mas que proporcionem ao leitor alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo.

2.1. A leitura

O objetivo desta parte é ampliar o repertório do aluno, trabalhar a leitura e compreensão do texto, além de exercitar elementos fundamentais da expressão oral. Para desenvolver essa parte, sugerimos a seguinte sequência:

1º momento: levantamento dos conhecimentos anteriores do aluno (o que sabem sobre a China, sua localização geográfica e econômica, qual a base alimentar, por que o arroz é central na culinária chinesa?);

2º momento: leitura silenciosa de fruição-prazer;

3º momento: identificação da primeira impressão da leitura com perguntas como: gostaram? Por quê? De qual passagem mais gostaram? Por quê? Quem conhece o povo hani?

4º momento: ampliação do repertório do aluno, por intermédio de mapas e da internet, explorando em que região da China vive o povo hani e o que fazem atualmente.

5º momento: Leitura dramatizada com papéis definidos (narrador, protagonista, antagonista, personagens secundários) para trabalhar dicção, entonação, mímica, gestos, implícitos e outros elementos da expressão oral.

“Os ‘Ossos’ do Arroz” é uma lenda hani, que narra como se dá a adoção do arroz na dieta alimentar do povo chinês. A abertura do conto não surpreende, pois é similar a dos contos maravilhosos: “*Há muitos anos atrás, havia um reino onde todos os seus habitantes se alimentavam das cascas de arroz*”. (2008, p.73). Na sequência, explica que acreditavam que o interior do arroz era o “osso” e deitavam-no fora, certos de que estavam comendo a “carne do arroz”. Um dia, Miniya, criada particular da rainha, é penalizada por sua ama a continuar trabalhando sem comer, porque caminhava muito morosamente. Depois de alguns dias, diante da proximidade da morte, resolve comer os “ossos” do arroz e, para sua surpresa, percebe que o osso era “muito melhor do que a carne”.

Aos poucos, vai recuperando as forças e a beleza. Inicialmente os criados percebem a diferença e querem saber o motivo. A eles, Miniya conta a verdade sob a condição de não revelarem à rainha. Com o passar dos dias, no entanto, a sua transformação desperta a curiosidade da soberana, que, com recursos de sedução, tenta arrancar-lhe a verdade. A moça não se deixa enganar e permanece em silêncio. A rainha

não desiste, e, percebendo a amizade entre os criados, promete matá-los, caso Miniya não revelasse o segredo.

Miniya compartilha seu conflito com os colegas, que, por unanimidade, pedem o silêncio da moça. Ela, contudo, não sossega até encontrar uma fórmula de poupar a vida dos amigos e simultaneamente conservar o segredo. Seu estratagema é o seguinte: condiciona a revelação à liberdade de todos os servos. Depois de vê-los em segurança, conta à rainha seu falso segredo:

“Pois bem, durante os primeiros dias, passei muita fome e nessa altura achei que a vida era bem difícil de suportar, mas consegui manter-me viva e então, aos poucos, de dia para dia, comecei a ficar cada vez mais bonita” (2008, p. 77).

Na ânsia de se tornar bela como a criada, a rainha suporta dez dias de fome até morrer. O rei, sem os servos que o atendessem, morre também. O conto se fecha com o seguinte parágrafo:

“Desde esta altura, o povo hani passou a cultivar a terra e a comer em abundância o arroz branco. E ainda hoje, sempre que cozinham uma panela do delicioso arroz, eles recordam este conto.” (2008, p. 77).

2.2. Análise

O objetivo desta parte é explorar a lenda hani para que os alunos possam compreender e valorizar as diferentes dimensões do texto literário.

2.2.1. A dimensão estética

A análise deve propiciar que o aluno amplie seu repertório cultural e compreenda a importância das elaborações ficcionais coletivas para união de um povo, uma vez que são conservadas por gerações. A análise pode ser conduzida por intermédio de questões, como as que sugerimos:

- Por que o conto se intitula “Os ossos do arroz”? Por que se chama “conto”? Por que não existe o nome do autor? Você conhece outros contos de origem popular? Quais? (**gênero**)
- Quais os momentos decisivos da história? Você esperava aquelas reações? (**estrutura do conto**)
- Você acha que o texto está bem escrito? Por quê? (**iniciação a critérios críticos**)

Embora o texto se apresente como conto, é bastante plausível associá-lo também à lenda, pois há um elemento que o identifica a um contexto específico. Lembrando os vários gêneros populares, Câmara Cascudo ressalta que, enquanto o canto, a dança, o mito, a fábula, a tradição, o conto independem de uma localização no espaço, pois vivem numa região, emigram, viajam, presentes na imaginação coletiva, a lenda apresenta um elemento de fixação. “*Determina um valor local. Explica um hábito ou uma romaria religiosa*” (1984, p. 52). Nesta perspectiva, pode-se afirmar que “Os ossos do arroz” é uma lenda, pois o objetivo do enredo é mostrar a origem do hábito de se comer arroz na sociedade hani. A lenda funciona como forte elemento de coesão entre os componentes do mesmo povo e entre o passado e o presente.

As características da lenda permite associá-la a outras, especialmente as brasileiras, no caso do aluno do Ensino Fundamental, que vai percebendo, por contrastes, os hábitos típicos de seu país.

Por outro lado, é inegável que o enredo da história da pequena Miniya segue a sequência estrutural de um conto: apresentação, introduzindo tempo, espaço,

personagens e primeiras ações. Em seguida, ocorre um fato novo que pode ser identificado como o início da complicação: “Um dia...”. A condenação de Miniya a continuar trabalhando sem alimentação desencadeia diversas ações. O clímax, momento de maior tensão e intensidade, é atingido quando a jovem está diante do dilema: ou conta seu segredo à rainha ou vê seus amigos assassinados. Por fim, o desfecho conserva seu caráter inusitado, a jovem soluciona o conflito sem revelar o segredo e preservando a vida dos amigos. No desenlace, portanto, há a transformação radical da situação inicial, ou seja, os habitantes que, antes comiam apenas as cascas do arroz, substituem-nas pelo seu interior.

Os apontamentos relativos à lenda e ao conto permitem perceber a complexidade que subjaz à narrativa. Por sua moldura, isto é, a abertura e o fechamento, podemos acreditar que estamos diante de uma lenda. Pelos componentes estruturais da narrativa e pela “assinatura” (“Conto Hani”) podemos considerar que estamos diante de um conto.

2.2.2. A dimensão linguística

A análise deve propiciar que o aluno valorize a relação intrínseca entre Literatura e Língua. Compreendendo a complexidade e a função das articulações linguísticas que compõe a obra literária, o aluno poderá valorizar o texto e, ao mesmo tempo, perceber que é o conhecimento aprofundado da Língua que lhe permite descobrir nuances da obra literária. A análise pode ser conduzida por intermédio de questões, como as que sugerimos:

- Que elementos linguísticos permitem identificar o espaço?

O nome da personagem é um indicador do espaço oriental, enquanto a forma de estabelecer as figuras de linguagem é bastante reveladora de um ambiente próximo à natureza. Por exemplo, “o seu rosto estava amarelo como as folhas das árvores no outono”. “O seu rosto ficou rosado e tão bonito como uma rosa apanhada numa fresca manhã de primavera”. “O seu sorriso tão doce e meigo, atraía todos os criados do palácio, assim como o mel atrai as abelhas”.

- Que elementos linguísticos permitem desenhar um perfil de Miniya como pessoa doce e delicada?

Embora frequentemente o uso do diminutivo cumpra essa função e no texto temos um exemplo disso: “*Um dia Miniya, quando ia levar água para ela se lavar, ia a caminho devagarinho e logo a rainha lhe gritou, furiosa*” (2008, p.73). Entretanto, os elementos comparativos são, neste caso, mais explícitos. Note que a jovem é comparada às folhas das árvores no outono, ou à rosa apanhada numa fresca manhã de primavera, ou, ainda, ao mel que atrai as abelhas. As folhas, a rosa e o mel denotam fragilidade; afinal, o rigor do vento do outono pode vergar os caules, porém são as folhas que caem. Ao lado disso, a rosa e o mel, presentes em inúmeras metáforas, envolvem a ideia de beleza, docilidade e delicadeza.

- Que tempo verbal predomina na apresentação? E no início da complicação?

A análise do segundo parágrafo é suficiente para perceber que o pretérito imperfeito domina a apresentação e o pretérito perfeito, o início da complicação:

“No palácio real **havia** muitos servos e entre eles uma criada que se **chamava** Miniya, que **era** criada particular da rainha, uma pessoa muito má e que **tratava** todos os seus servos da pior maneira. **Mandava**-os espancar ou pelo menos **andava** sempre a ralar com eles. **Havia** muitos dias em que sequer lhes **dava** o suficiente para comer. Um dia Miniya, quando **ia** levar água para ela se lavar, **ia** a caminho devagarinho e logo a rainha lhe **gritou**, furiosa.”(2008, p. 73)

- Quando a rainha quer saber o segredo de Miniya, diz: “- Minha querida Miniyazinha, tu estás tão bonita!”. Miniya, por sua vez, também adota uma forma carinhosa ao se dirigir à rainha: “Minha boa rainha, agora vou contar-vos o meu segredo”. Por que ambas se tratam carinhosamente, se, na verdade, não é isso o que sentem?

No caso da rainha, temos um claro exemplo de sedução; ela trata a jovem por “querida”, “Miniyazinha” com o objetivo de arrancar-lhe o segredo. Já Miniya usa “Minha boa” numa clara ironia. O leitor não tem dúvidas de que a rainha é tudo menos boa. Portanto, em ambos os casos, a construção linguística não revela o sentimento, mas formas de manipular pessoas.

- A rainha trata Miniya por tu (“Miniya, eu sempre disse que tu eras muito bonita e muito simpática”). Os amigos de Miniya a tratam também por tu (“Miniya, o que é que tens?”). No entanto a jovem os trata por vós (“Minha boa rainha, agora vou contar-vos o meu segredo”). Por que essa diferença?

A rainha adota o “tu” para marcar a distância entre ela e seus empregados; já os trabalhadores o fazem, porque entre eles, apesar de não haver hierarquia, existe diferença de idade, Miniya é mais nova do que os demais. Por sua vez, a jovem os trata por “vós” pelos mesmos motivos, só que de outro ponto de vista: a rainha, porque é superior hierarquicamente; os companheiros de trabalho, porque merecem respeito dada a diferença de idade.

2.2.3. A dimensão psicológica

A análise deve propiciar a ampliação do repertório emocional do aluno, ao compreender que os textos ficcionais são capazes de representar sentimentos e conflitos presentes na maior parte das pessoas em determinadas idades. A análise pode ser conduzida por intermédio de questões como as que sugerimos aqui:

- O que você sentiu quando a rainha suspendeu a alimentação de Miniya?
- O que você sentiu quando a rainha condicionou a salvação dos amigos de Miniya à revelação do segredo?
- O que você sentiu quando Miniya conseguiu uma solução para seu dilema?

O conto hani apresenta algumas situações que permitem analisá-lo sob a ótica psicanalítica. Em *Fadas no divã: Psicanálise nas Histórias Infantis*, os autores defendem que *Branca de Neve*, *A Bela Adormecida*, *A Jovem Escrava*, *Sol*, *Lua e Tália* tratam da construção da identidade feminina. Lembrando que a menina floresce na mesma proporção em que sua “mãe/madrasta/rainha” perde o viço, os contos flagram o “*incontornável conflito de como se parecer com esta, tornando-se uma mulher, na mesma época em que a mãe vê declinar seus atrativos femininos.*” (2006, p.75).

Assim como há a construção da identidade feminina nos contos mencionados pelos autores de *Fadas no divã*, parece-nos que essa temática está presente também em “Ossos do arroz”, uma vez que a beleza de Miniya desencadeia a inveja da rainha. No entanto, parece-nos existir outra mais central e bastante frequente em narrativas infantis, trata-se do sentimento de submissão da criança frente à autoridade do adulto. Essa temática orienta os avanços do enredo, cada etapa que Miniya vence seu grande obstáculo - o poder desmesurado da rainha - é mais um passo em direção à sua emancipação.

Sem dúvida, o sentimento de submissão da criança permite a imediata identificação com a jovem serva. Assim como Miniya tem de enfrentar o poder da rainha para se salvar, também as crianças têm de lidar com a autoridade dos pais para crescer. Segundo Freud, “*ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o*

que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso de seu desenvolvimento.” (1996, p. 219)

Freud nos ensina que, nos primeiros anos de vida, os pais constituem a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos, daí o intenso desejo de se igualar a eles. À medida que avança o desenvolvimento intelectual, a criança vai percebendo que seus pais, em comparação a outros, não têm as qualidades extraordinárias que inicialmente lhes atribuíra; por este motivo, passa a criticá-los a partir das pequenas contrariedades cotidianas. O sentimento que reina, neste momento, é de estar sendo negligenciado (sentimento que pode ter uma base real ou imaginária), ou de não estar recebendo todo o amor dos pais, ou, ainda, de ter que dividir este amor com os irmãos. Frequentemente, surge a fantasia de ser uma criança adotada, e o menino, mais especificamente, desencadeia impulsos hostis contra o pai e um desejo intenso de se libertar dele.

O complexo processo de crescimento da criança encontra eco nas situações narrativas. Note que as pequenas contrariedades cotidianas expressam-se como situações-limite no texto literário. Miniya não é apenas contrariada, mais do que isso, ela é condenada a trabalhar sem receber qualquer alimento, ou seja, condenada à morte. A serva resiste: *“Eles não me querem dar de comer, mas eu não posso vir a morrer, assim à fome, sem pelo menos tentar salvar-me.”* (2008, p.74) Sua atitude é significativa, porque sai da condição de vítima para tomar a vida em suas próprias mãos. Do ponto de vista da narrativa, é um momento importante na transformação da personagem; do ponto de vista do crescimento da criança, é um momento decisivo, pois dá seus primeiros passos para independência.

A partir daí, a jovem não cairá na sedução da rainha tampouco se submeterá à sua chantagem. A personagem encontra forças para enfrentar os obstáculos que vão surgindo, assim como a criança vai se sentindo mais fortalecida para lidar com a autoridade dos pais. Há de se notar a vertiginosa mudança da personagem, que sai da condição de vítima para a de heroína, à medida que é capaz de resolver seus próprios problemas e os de seus amigos também. Aqui vemos mais um ponto que facilita a identificação da criança com a personagem, Miniya sai da condição de impotência (vítima) para a de onipotência (heroína). Conforme Bruno Bettelheim, trata-se de um final típico dos contos de fadas:

É assim em todos os contos de fadas. A mensagem dessas histórias é que as complicações e dificuldades edipianas podem parecer insolúveis, mas, lutando corajosamente com essas complexidades emocionais relativas à família, pode-se alcançar uma vida muito melhor do que a daqueles que nunca são afligidos por problemas graves. No mito há apenas dificuldade e derrota insuperáveis; no conto de fadas há idêntico perigo, mas ele é superado com êxito. Não morte e destruição, mas uma integração superior – simbolizada pela vitória sobre o inimigo ou competidor, e pela felicidade – é a recompensa do herói no final do conto. Para obtê-la, passa por experiências de crescimento comparáveis às necessárias ao desenvolvimento da criança rumo à maturidade. Isso dá à criança a coragem para não se deixar desanimar pelas dificuldades que encontra em sua luta pela identidade. (2007, p. 274-5)

A catarse ocorre quando Miniya consegue criar um estratagema para solucionar o dilema; salva seus amigos, não revela seu segredo e “mata” a rainha. No que tange à morte da antagonista, vale a pena verificar que não há assassinato, embora o desejo

esteja presente; o que ocorre, na verdade, é um “suicídio” gerado pela ambição da soberana de se tornar bela. Trata-se de uma solução comum nos contos de fadas, para resolver o conflito entre o desejo da morte do rival e a culpa que esse desejo desencadeia.

Por fim, convém assinalar que no final da narrativa, a rainha e o rei morrem, ficando as terras para os trabalhadores como herança. Do ponto de vista do crescimento infantil, é o final de uma etapa cujo resultado é a independência dos pais por um lado e, a incorporação de sua herança (valores dos pais), por outro.

2.2.4. A dimensão ideológica

A análise deve problematizar conceitos do senso comum, em especial, os valores tidos como universais, neste caso, o de verdade/mentira independentes da situação. A experiência pode contribuir para que o aluno reflita sobre sua conduta frente a situações de poder e tome decisões com mais autonomia. A análise pode ser conduzida por intermédio de questões, como as que sugerimos:

- Ao lermos a história oficial da China encontramos uma série de dinastias e imperadores, em “Ossos do Arroz” encontramos os servos como heróis e os reis morrem. O que você acha dessa mudança?
- Se você fosse Miniya, como reagiria quando a rainha pediu que contasse a verdade?
- Você acha que ela agiu de forma certa? Por quê?
- Você conhece outras histórias ficcionais ou reais em que a pessoa é colocada diante do mesmo dilema que Miniya? Qual?

Em primeiro lugar, convém assinalar que, diferente da História oficial, em que os soberanos são responsáveis pelos atos decisivos, o que se vê no conto é a história sob o ponto de vista dos servos. A rainha é descrita com detalhes que reveladores de sua crueldade. Ela trata mal todos os empregados, ralha, manda espancá-los, não os alimenta adequadamente. Não bastasse tantas arbitrariedades, um dia condena a pequena Miniya à morte, porque a menina caminhava devagar. Em contrapartida, Miniya é descrita como uma pessoa delicada: “*o seu sorriso tão doce e meigo, atraía todos os criados do palácio (...)*” (2008, p. 74). Seus colegas, por sua vez, são tão compreensivos que estão dispostos a entregar a própria vida em troca da manutenção do segredo.

Em segundo, a solidariedade é bastante valorizada. Quando os criados querem saber o segredo de permanecer viva sem alimentação, ela conta a verdade sob o risco de ser prejudicada, caso o segredo chegasse aos ouvidos da rainha. A soberana, percebendo que a solidariedade fala alto entre eles, chantageia Miniya com a seguinte proposta: ou revela o segredo ou todos morrem. Por fim, sabendo das condições da chantagem imposta pela rainha, os empregados optam pela morte. Todas as situações revelam o lugar e o valor da solidariedade para esta comunidade.

Em terceiro lugar, encurralada entre a revelação do segredo ou a condenação dos amigos, a jovem não tem dúvidas: recorre à mentira. A mentira, portanto, é a única maneira de responder à tirania e opressão. Contudo, se isto é tão claro que até contos infantis a representam com naturalidade, por que o senso comum insiste em ensinar a criança a falar a verdade em qualquer circunstância? Logo, cabe à escola problematizar os conceitos universalizantes, explorando a análise das condições estruturais e conjunturais para se tomar uma decisão consciente. Revelar a verdade para a rainha, naquele contexto, provavelmente implicaria em perpetuar as condições de tirania que caracterizavam aquele reinado.

Por último, é necessário perceber que a ingenuidade da resolução do conflito é similar a outros contos infantis. As oposições podem variar: nas fábulas, são animais fracos contra fortes; nos contos maravilhosos, gigantes ou bruxas versus crianças, ou madrastas versus enteadas, ou servos contra reis; contudo a saída é sempre a mesma: a astúcia do mais fraco é o elemento-chave para acabar com a opressão do opositor.

A ilusão de uma saída sem conflito é um ponto forte das histórias infantis porque trabalha com diversas dimensões do desejo. A primeira é o sucesso do mais fraco; a segunda, o sucesso depende de sua condição individual – a astúcia – e não da ação coletiva, trata-se da onipotência da criança; por último, o pressuposto bastante discutível de que o mais forte é facilmente ludibriável. Essas três dimensões da ilusão suscitam a catarse infantil, quando se termina a leitura do conto. No entanto, aquilo que pode ser prazeroso num período da vida torna-se entrave na fase adulta, quando se está num cenário em que há antagonismos de interesses e as pessoas respondem com as mesmas ilusões infantis.

2.3. Avaliação

A avaliação pode ser realizada por intermédio de uma atividade proposta pelo aluno ou dentre as apresentadas pelo professor. Sugerimos algumas que poderão revelar o que o aluno refletiu e incorporou a partir da leitura e análise do conto.

Escolha uma das alternativas para estabelecer o diálogo com o texto analisado:

- invente uma história que relate a origem de um comportamento brasileiro;
- dê continuidade ao texto lido, relatando como viveu o povo hani, depois da morte do rei e da rainha;
- reconte a história do ponto de vista da rainha;
- escolha um conto popular (brasileiro ou não) e compare com esse;
- transforme o conto em história em quadrinhos;
- encene a história e apresente aos colegas;
- faça uma música contando a história de Miniya;
- faça um vídeo em que as cenas principais sejam apresentadas;
- monte uma antologia de contos populares.

Conclusão

A comunicação defendeu a adoção de textos literários nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, uma vez que, com eles, é possível trabalhar inúmeros aspectos da formação do aluno. No exemplo analisado, “Os ossos do arroz”, procuramos explorar a dimensão estética, linguística, psicológica e ideológica, certos, no entanto, de que há outras possibilidades de leitura. O trabalho desse texto em sala de aula exige e permite sua articulação com várias áreas do saber, como, Geografia, Artes plásticas, Artes visuais, Teatro, etc., o que revela, mais uma vez, a amplitude da Literatura.

Ressaltamos que tanto a Literatura como o Ensino de Língua sai ganhando com esta relação, uma vez que o aluno valorizará mais a obra literária se compreender a complexidade e a função das articulações linguísticas que a compõe, por um lado; e, por outro, valorizará o domínio linguístico que lhe permite apreciar com maior profundidade nuances do texto.

Como fruto dessa experiência, o aluno se fortalece como pessoa e cidadão, já que várias dimensões de sua formação são trabalhadas simultaneamente e, como afirma Candido, quem sabe, com essa experiência consiga descobrir formas de resistir à

“coisificação”, de compreender outras formas de organizar o mundo e de se relacionar com as outras pessoas.

BIBLIOGRAFIA

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades e Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

_____. “A literatura e a formação do homem”. *Ciência e Cultura* 23 (2): 806, São Paulo, 1972.

CASCUDO, Luis da Camara. *Literatura Oral no Brasil*. 3ªed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1984. (Coleção Reconquista do Brasil; nova série vol. 84).

CORSO, Diana Lichtenstein e CORSO, Mário. *Fadas no divã: Psicanálise nas Histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FISCHER, E. *A necessidade da arte*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 40ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREUD, Sigmund. “Romances familiares” In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PAES, José Paulo. “As dimensões da aventura [sobre o romance de aventuras]” In *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STEINER, George. “Alfabetização humanista”. In *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA e outros. “A leitura do texto didático e didatizado”. In CHIAPPINI, L. (coord). *Aprender e ensinar com textos*. São Paulo: Cortez, 2007. Vol.2

YASUDA, Ana e TEIXEIRA, Maria José. “A circulação do paradidático no cotidiano escolar”. In CHIAPPINI, L. (coord). *Aprender e ensinar com textos*. São Paulo: Cortez, 2007. Vol.2